

UM BREVE PASSEIO PELA CRÍTICA TEXTUAL EDIÇÃO, SEUS TIPOS E POSSIBILIDADES

Tatiana Carvalho Ferreira Oliveira (UERJ)

tatianacarvalhoc@ig.com.br

Joyce S Braga (UERJ)

joycebraga@oi.com.br

RESUMO

Sabendo da importância da Crítica Textual, no que diz respeito à transmissão de textos ao longo dos tempos, propomos um breve estudo sobre a diversidade dos tipos de edição. Isso se justifica, na medida em que, atualmente, temos acesso à edição de textos de apresentações e formas distintas.

Palavras-chave: Crítica Textual, Tipos de edição

INTRODUÇÃO

Este texto reflete o amadurecimento de amplas discussões e o intenso estudo da literatura de César Nardelli Cambraia acerca da Crítica Textual. Em um primeiro momento, buscaremos conceituar a Crítica Textual para, posteriormente, exemplificar e analisar os diversos tipos de edição.

CRÍTICA TEXTUAL

A Crítica Textual tem por objetivo restituir a forma genuína dos textos¹, já que, segundo os estudos de Cambraia, “*um texto sofre modificações ao longo do processo de sua transmissão*” (Cambraia, 2005). Tais modificações derivam de vários processos, que vão desde à corrupção do material utilizado para registrar um texto (papel e tinta) ao ato de reprodução do texto em si (realização da cópia em um novo suporte).

Nesse sentido, a Crítica Textual difere-se da Ecdótica e da Filologia, já que esta segue uma tendência de designar o estudo global

¹ Segundo Cambraia, este conceito foi fixado por Houaiss, 1967, por Azevedo Filho, 1987, e por Spina, 1994.

de um texto (aspectos lingüístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico, etc.), enquanto que aquela busca o conhecimento do estabelecimento de textos e de sua apresentação, isto é, sua edição.

A maior contribuição da Crítica Textual, segundo nossas pesquisas, é a recuperação do patrimônio cultural escrito de uma dada cultura. Cambraia afirma que

Após se ter restituído a forma genuína de um texto escrito, ele é, via de regra, publicado novamente, contribui-se também, assim, para a transmissão e preservação desse patrimônio: colabora-se para a transmissão dos textos, porque, ao se publicar um texto, este se torna novamente acessível ao público leitor; e contribui-se para a sua preservação, porque se assegura sua subsistência através de registro em novos e modernos suportes materiais, que aumentarão sua longevidade. (Cambraia, 2005)

Uma das características interessantes da Crítica Textual é a sua interdisciplinaridade, ou seja, o diálogo com outras tantas diversas áreas do saber, como a paleografia, a diplomática a codicologia, a bibliografia material e a lingüística. Esta característica também faz relação com a própria história deste campo do saber, que tem como grande referência o teórico Karl Lachmann. Porém, o surgimento da Crítica Textual data para mais de 2 mil anos, desde o trabalho dos chamados “copistas” até a criação, no Ocidente, da Biblioteca da Alexandria. Destacamos também que os estudos da Crítica textual iniciaram-se sobre textos latinos, pagãos e religiosos. Um exemplo é o texto cristão Novo Testamento.

EDIÇÃO

Como nos ensina Cambraia, chamamos de obra todo e qualquer produto do engenho humano com a finalidade pragmática ou artística. Porém para a Crítica Textual interessa o texto: “*obra fundada na linguagem verbal, podendo existir em forma sonora (texto oral) e/ou gráfica (texto escrito)*” (Cambraia, 2005). Cada registro de um texto escrito constitui um testemunho, que é chamado de modelo ou antígrafo. Normalmente esses antígrafos são classificados por manuscritos (aqueles registrados por meio de instrumentos de escrita tradicionais, como a pena, o lápis, a caneta, etc.) e impressos (aqueles registrados por sistema mecânico de impressão).

Estas informações são importantes na medida em que é somente a partir delas que podemos perceber como acontece o registro de um texto e como se dá o suporte original de uma obra para, assim, discorrermos como acontece o processo de edição.

TIPOS²

São variadas as categorias para dar acessibilidade de um texto ao grande público. Temos sete categorias fundamentais: material utilizado, modo de registrar o texto, modo de publicação, permissão, integralidade do texto, reelaboração do texto e a forma de estabelecimento do texto.

Quanto ao material utilizado, temos duas categorias: dimensão e qualidade do suporte. Em relação à dimensão, temos as edições de bolso, a compacta e a diamante. A edição de bolso apresenta-se em um tamanho menor que o formato usado normalmente; as compactas não possuem dimensão previamente definida, e, por último, a edição diamante é aquela bem menor, em relação ao seu tamanho, que a de bolso. Tal variação demonstra que são bastante variados os usos e as intenções de edição de um texto. Um exemplo é a edição diamante, que é usada normalmente para promoção e divulgação de algo, como aquelas brochuras promocionais em épocas eleitoreiras e manuais de instrução de aparelhos eletro-eletrônicos. Quanto à qualidade do suporte, temos as edições chamadas populares, que se apresentam produzidas com materiais de baixo custo, como o papel-jornal, e as de luxo, que se apresentam em material de alta qualidade, como a utilização de papel couchê.

Quanto ao modo de registrar o texto, temos a edição impressa e a edição digital. A edição impressa é aquela de tipo móvel, como as impressas em qualquer tipo de papel, que podem ser transportadas para qualquer lugar com o leitor. A edição digital só é possível a leitura através de programas de computador, como o “e-book” e qualquer cd-rom de anais de congressos.

Quanto à terceira categoria citada por Cambraia, denominada publicação, relacionada diretamente à tiragem e à periodicidade.

² Segue conforme os estudos de Cambraia (2005).

Nesta categoria, temos a edição príncipe (quando a obra é lançada pela primeira vez), a edição limitada (aquela feita em número reduzido), a edição extra (aquela publicada fora da periodicidade) e a edição comemorativa (aquela relacionada à celebração de uma data comemorativa).

Quanto à categoria permissão, a edição pode ser autorizada (aquela permitida pelo detentor dos direitos autorais) ou clandestina (a não permitida).

Quanto à categoria integralidade do texto, a edição pode ser integral ou expurgada. Integral quando ocorre a reprodução por inteiro do texto e expurgada quando ocorre supressões do texto sem a explicitação, seja por motivo de censura ou qualquer outro.

Quanto à categoria de reelaboração do texto, temos a edição revista (modificada pelo autor), a edição atualizada (com a substituição de dados ultrapassados por novos), a edição ampliada (quando se acrescenta novas partes) e a edição modernizada (quando ocorrem modernizações lingüísticas).

Por último, e de fundamental relevância, temos a categoria de estabelecimento do texto, que leva em consideração dois aspectos principais: o público-alvo almejado e a existência de edições anteriores. Nessa categoria, há duas grandes classificações: as edições monotestemunhais (fundadas em um único testemunho de um texto) e as edições politestemunhais (fundadas a partir de um confronto de dois ou mais testemunhos de um mesmo texto).

As edições monotestemunhais se subdividem em edição fac-similar³ (aquelas que ocorrem sem mediação de um editor), em edição diplomática (aquelas que possuem um pequeno grau de mediação do editor), em edição paleográfica (aquelas que possuem um grau médio de mediação do editor) e em edição interpretativa (aquelas que possuem um alto grau de mediação do editor).

Já as edições politestemunhais se subdividem em edição crítica (aquela em que ocorre o confronto de mais de um testemunho) e

³ Na apresentação do trabalho foram projetadas amostras dos diversos tipos de edição: 1. edição fac-similar, 2. edição diplomática, 3. edição paleográfica, 4. edição interpretativa e 5. edição genética.

em edição genética (aquela em que almeja-se registrar todas as diferenças entre as redações preliminares de um texto).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos perceber, é a partir deste importante campo de estudo que o leitor moderno pode ter acesso a uma visão mais realista do processo de estabelecimento e transmissão dos textos, pois, como já reiteramos, a principal função da Crítica Textual é a restituição da forma genuína dos textos.

Podemos observar também que os modos de se realizar uma edição influi de forma significativa no produto final da obra publicada. Este processo, explicitado minuciosamente na obra de Cambraia, é uma grande possibilidade de expor ao leitor como ocorre mobilidade dos textos de edição para edição, ou seja, em sua transmissão.

Esperamos ter abarcado nossos objetivos e, principalmente, desejamos que estes estudos se prolonguem e estimulem os demais leitores e pesquisadores ao estudo da Crítica Textual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro/Brasília: Nova Fronteira/Instituto Nacional do Livro, 1986.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1987.

CAMBRAIA, César Nadelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.